

A INTEGRAÇÃO ENTRE REFERÊNCIAS CULTURAIS DA LÍNGUA INGLESA E AFRICANAS NO PROCESSO DA TRADUÇÃO

The Integration of English and African Cultural References in the Translation Process.

Aléx Mamite¹

Tiago Martins da Cunha²

Resumo

O presente trabalho, investigou a integração entre as referências culturais da língua inglesa e as referências culturais africanas no processo de tradução com foco em tradutores novatos. A pesquisa foi realizada na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), escolhida por abrigar diversos grupos étnicos africanos, o que possibilita o encontro de variantes da língua portuguesa faladas no continente africano em um mesmo espaço acadêmico. O estudo fundamenta-se teoricamente em abordagens dos Estudos da Tradução que tratam da dimensão cultural do traduzir, especialmente as noções de domesticação como Nida, Catford, etc. O objetivo principal foi identificar o nível de integração entre as referências culturais africanas e as referências culturais da língua inglesa nas traduções produzidas pelos participantes. Para tal, recorreu-se ao uso de metodologia descritiva qualitativa para a execução do trabalho. O estudo concluiu que o grau de integração observado foi limitado, indicando a predominância de referências culturais da língua de partida em detrimento das adequações culturais da língua de chegada. Tais resultados evidenciam a necessidade de maior conscientização tradutória e de um trabalho pedagógico que valorize as referências culturais africanas no ensino e na prática da tradução.

Palavras-chaves: Tradução; Cultura; Língua inglesa; Língua Portuguesa; Referências Africanas.

¹Discente do curso de Letras Língua Inglesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). E-mail: alexmamite@gmail.com

²Orientador, Docente do Curso de licenciatura em Letras Língua Inglesa Presencial da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). E-mail: tiagotmc@unilab.edu.br

Abstract

The present study investigated the integration of cultural references from the English language with African cultural references in the translation process, focusing on novice translators. The research was conducted at the Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), selected for hosting diverse African ethnic groups, which allows for the convergence of multiple variants of the Portuguese language spoken across the African continent within a single academic setting. The study is theoretically grounded in approaches within Translation Studies that address the cultural dimension of translating, particularly the notions of domestication proposed by scholars such as Nida, Catford, and others. The primary objective was to identify the extent of integration between African cultural references and English cultural references in the translations produced by the participants. A qualitative descriptive methodology was used to carry out the work. The study concluded that the observed level of integration was limited, indicating a predominance of source-language linguistic structures over target-language cultural adaptations. These results underscore the need for greater translational awareness and pedagogical practices that value African cultural references in translation teaching and practice.

keywords: Translation; Culture; English Language; Portuguese Language; African References.

Introdução

A tradução não se limita à transposição de palavras de uma língua para outra; ela envolve também a transferência de referências culturais, que influenciam a compreensão e a interpretação do texto pelo público de chegada. No contexto africano, onde coexistem múltiplas línguas e culturas, a tradução da língua inglesa para línguas africanas apresenta desafios específicos, especialmente no que diz respeito à adequação cultural.

Nesse cenário, a integração entre as referências linguísticas da língua inglesa e as referências culturais africanas apresenta-se como um campo fértil de investigação, sobretudo quando se considera o papel do tradutor como mediador intercultural. O modo como o tradutor equilibra a fidelidade ao texto de partida e a adequação à cultura de chegada revela não apenas suas competências linguísticas, mas também o grau de consciência cultural envolvido no processo tradutório.

O presente trabalho, portanto, teve como objetivo investigar o nível de integração entre as referências culturais da língua inglesa e as culturais africanas no processo de tradução, com foco em tradutores novatos. A pesquisa foi realizada na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), instituição escolhida por

abrigar diversos grupos étnicos africanos e por reunir, em um mesmo espaço acadêmico, as diferentes variantes da língua portuguesa faladas no continente africano. Essa diversidade torna o ambiente propício para observar como se manifestam as interações entre as culturas africanas e a língua inglesa durante o ato tradutório. A metodologia adotada no estudo possui caráter descritivo, com ênfase qualitativa, na medida em que busca observar e caracterizar aspectos relacionados ao nível de integração no processo de tradução. Essa metodologia possibilita captar as percepções e experiências dos participantes, não se limitando à quantificação de dados, permitindo uma análise interpretativa.

Os resultados do estudo revelaram um nível limitado de integração entre as referências culturais africanas e as referências culturais da língua inglesa, indicando uma predominância das estruturas da língua de partida em detrimento das adequações culturais da língua de chegada. Ou seja: nota-se, em alto nível, uma aculturação dos tradutores Africanos em detrimento das referências culturais da língua inglesa. Essa constatação evidencia a necessidade de maior ênfase na formação tradutória, de modo a desenvolver uma consciência crítica sobre o papel da cultura no processo de tradução e a valorização das identidades africanas na prática tradutória contemporânea.

1 Revisão Teórica

1.1 Visão tradicional da Tradução

A Tradução como área de estudos está relacionada a diferentes teorias linguísticas, antropológicas, sociológicas, filosóficas entre outras. Desta forma, há diferentes visões que desafiam a definição desta área de estudos. Esse desafio fez com que muitos teóricos divergissem o ponto de vista na tentativa de conceituar um ponto principal da Tradução, a equivalência. Krzeszowski (1981) por exemplo, alinhado à linguística comparada, propõe uma classificação detalhada da equivalência tradutória, subdividindo-a em: a) equivalentes, formalmente diferentes; b) equivalentes formalmente similar-congruentes; c) não equivalentes, formalmente similares e d) não equivalente, formalmente diferente (RODRIGUES, 2000, p.31). A visão central de Krzeszowski é que equivalência ou digamos "frases equivalentes" têm de ter estruturas profundamente idênticas, mesmo que na superfície sejam marcadamente diferentes (KRZESZOWSKI, 1981, p.38).

Tal como Krzeszowski, John Catford também invoca a equivalência quando dá a definição de tradução. Ele define a tradução como a substituição de material textual de língua de partida por um material textual equivalente a língua de chegada (CATFORD, 1978). Catford (1978) também apresenta as subdivisões nas quais a tradução se firma. Para ele, a tradução se subdivide em: extensão, níveis e classificação. Ainda Para Catford

(1978), a tradução em nível de extensão pode ser classificada como: Tradução completa, aquela cuja todo texto é submetido à tradução, isto é: todo texto de partida é substituído por texto alvo. Tradução parcial: aquela cuja tradução apresenta alguns vocábulos do texto de chegada. A existência de vocabulário de texto de partida em texto de chegada pode ser porque os vocabulários são intraduzíveis ou porque foram deixados deliberadamente.

Entendemos, portanto, que quanto à tradução parcial, Catford (1978) referiu-se ao que hoje é amplamente conhecido como tradução estrangeirizada, uma vez que é na tradução estrangeirizada onde os vocabulários de texto de partida podem ser mantidos no texto da língua alvo. Quanto a níveis de tradução, o autor apresenta total e restrita. Nessa subdivisão não iremos nos aprofundar, uma vez que, o próprio Catford admite que não existe uma tradução nessa subdivisão, dado que tal precisaria de substituição equivalentes da língua de chegada de termos fonológico/grafológico de texto de partida e fonológico/grafológico de texto de chegada. (CATFORD, 1978, p.22)

Em outra subdivisão designada classificação, Catford (1978) apresenta 2 aspectos fundamentais na tradução: *Rank-bound*¹ e *free or unbounded translation*². Esse nível dita como a tradução se manifesta gramaticalmente. Rank-bound translation (tradução vinculada a nível) Catford afirma que a tradução é feita baseada em palavra por palavra ou morfema por morfema equivalentes, mas nunca em unidades mais altas da classificação como orações ou frases (CATFORD, 1978, p.25) No entanto, o próprio escritor admite que essa tradução “não é viável” uma vez que pode conduzir ao uso de termos equivalentes na língua da chegada que não têm uma boa colocação na mesma língua. (CATFORD, 1978) Abordando free translation/unbounded translation (tradução livre) Catford afirma que essa tradução é mais independente, e, pode ser feito em diversas escalas tais como oração ou frase.

Sobre as equivalências, Catford (1978), apresenta dois (2) tipos de tradução e que ao nosso ver, talvez centraliza ou resume as ideias do autor. Catford (1978) apresenta "Equivalência textual e Correspondência Formal" como categorias cruciais na tradução. Um equivalente textual é qualquer texto ou parte de texto na TL³ (língua de chegada) que seja observado como equivalente a um texto ou parte de texto dado na SL⁴ (língua de partida) (CATFORD, 1978, p.27). Para que se observe se o texto de chegada é equivalente, Catford sugere que se recorra aos tradutores bilíngues, ou na falta, uma observação concomitante, na qual o tradutor escreve uma frase e faz mudanças sistemáticas na língua fonte para ver o que muda na TL. (CATFORD, 1978, p.27)

¹ tradução vinculada a nível)

² tradução ilimitada ou tradução sem restrições

³ *target language*; língua de chegada/ língua alvo

⁴ *Source language*; língua fonte/ língua de partida

Para melhor compreensão, atentemos ao exemplo a seguir, em que o SL é português e o TL é Xope⁵, que por outro lado demonstra a observação concomitante.

1. Meus irmãos foram → Va fowetho va tsute
2. Minhas irmãs foram → Ti dinyangu ti tsute

Notemos que, no português, há variação de gênero (irmãos / irmãs) e o plural está presente em ambos os casos. No Xope, essa variação é adaptada por meio de prefixos que correspondem ao número e ao gênero:

3. va → indica plural e masculino
4. ti → indica plural e feminino. (*Esse último dependendo do contexto*)

Portanto, o termo "va" e "ti" que são os termos que mudam em caso de uma mudança no texto da origem, são os equivalentes textuais referidos por Catford. É importante salientar que a língua Xope não apresenta marcadores de gênero fixo, como acontece na língua portuguesa, onde "a" e "o" são indicadores do gênero. Na língua Xope, o gênero é flexível ou mesmo inexistente em uma só palavra, cabendo a sua contextualização. Do outro lado, a indicação de número também é variável, podendo ser demonstrado através dos prefixos "va; ma; si e ti."

Voltando ao exemplo supracitado, os termos "va" e "ti" são equivalentes textuais, pois representam na língua de chegada o plural e o gênero da língua fonte, mantendo a correspondência observável e funcional do português para o Xope.

Outro exemplo ainda na mesma língua porém fora da observação concomitante seria:

5. Eles é que sabem → Vona ngu vona vati zivaku.

Na TL, Xope, não existe um termo equivalente direto para "que". Para suprir essa ausência, a língua utiliza a repetição do pronome "vona". Os outros elementos da frase permanecem, como o primeiro "vona", que corresponde literalmente a "eles", e o verbo "kuziva (saber)", que pode ser flexionado no passado para formar "zivaku". Já a parte equivalente a "é que" se ajusta conforme o contexto, podendo variar em diferentes situações. Assim, mesmo sem seguir rigidamente a sintaxe da SL, a TL consegue reformular a frase, garantindo um equivalente textual que mantém o sentido da mensagem original.

No que se refere à correspondência formal, esta difere da equivalência textual. Enquanto a equivalência textual se preocupa em manter o sentido global da mensagem,

⁵ A língua Xope é uma das línguas bantas faladas em Moçambique, especialmente na região sul do país, na província de Inhambane nos distritos de Zavala e Inharrime, abrangendo também um pouco o distrito de Jangamo. Também, pode ser escrito como Chope ou Cicopi

independentemente da estrutura sintática, a correspondência formal concentra-se na função estrutural dentro da língua. Segundo Catford (1978), correspondência formal é qualquer categoria da língua de chegada (unidade, classe, estrutura, elemento de estrutura etc.), que possa ocupar, o mais próximo possível, a mesma posição na organização estrutural da língua de chegada que a categoria correspondente ocupa na língua de partida. (CATFORD, 1978, p.32)

Observemos o seguinte exemplo:

6. I want to go → Eu quero ir.

No exemplo, verificamos que há uma tendência da TL, português, de manter a mesma estrutura, ou a mais próxima possível da língua de partida. Assim, há uma correspondência quase palavra por palavra: I = eu; want = quero; to go = ir. Além disso, tanto em inglês quanto em português, o verbo principal aparece no infinitivo, reforçando a manutenção da estrutura sintática.

Outro exemplo seria:

7. We want to eat fries (inglês) → Nós queremos comer batatas (português) → Athu hilava kudya mazambani. (Xope)

Observamos que, nas duas línguas de chegada (português e xope), a posição das palavras obedece à estrutura da língua de partida (inglês). Além disso, o verbo “to eat”, no infinitivo em inglês, mantém-se também no infinitivo nas traduções: “comer” em português e “kudya” em xope. Embora, em ambas as línguas de chegada, seja possível omitir o sujeito (nós e athu), isso não significa que a correspondência formal tenha sido perdida. A flexão verbal já marca a pessoa gramatical: o verbo “querer” no infinitivo, quando flexionado, torna-se “queremos” (1ª pessoa do plural) em português; da mesma forma, o verbo “kulava” no infinitivo transforma-se em “hilava” (1ª pessoa do plural) em xope. Portanto, mesmo quando os sujeitos são omitidos, a estrutura verbal das línguas de chegada garante que a referência ao sujeito do texto de partida (we) permaneça evidente.

1.2 Uma outra visão tradutória

Apesar de todas as explicações de Catford, o teórico Eugênio Nida apresentou uma visão contrastante em relação às ideias já expostas. Enquanto Catford subdivide a tradução em várias categorias: por exemplo, equivalência textual, em que a língua de chegada não segue a estrutura da língua de partida, mas se reorganiza para transmitir o significado; e correspondência formal, em que a língua de chegada deve obedecer à estrutura da língua de partida como vimos no parágrafo anterior; além de distinguir entre

bounded e unbounded translation, Nida propõe uma abordagem inovadora. Sua teoria incorpora não apenas aspectos linguísticos, mas também elementos de outras áreas, como a antropologia cultural, a filologia, a psicologia e as teorias da comunicação (NIDA, 2006, p.1).

Nida vai além e afirma que, tradução se difere das demais ciências como Física, Química e Biologia dado que é uma área cuja qualquer pessoa bilingue pode participar mesmo sem ter estudos especializados e procedimentos técnicos (NIDA, 2006, p.1) Ademais, ele acredita que os grandes tradutores não passaram por uma formação na área :a tradução ou a capacidade de traduzir, é um fenômeno nato, que se desenvolve na mente (NIDA, 2006, p.1).

Para melhor perceber a visão do Nida sobre a tradução, vamos buscar a seguinte declaração dele:

Uma língua é uma série de hábitos verbais que representam aspectos de uma cultura. Nenhum falante possui um inventário completo dos signos e das estruturas de uma língua viva, mas a sociedade de falantes, coletivamente, possui uma língua [...]. [...] pessoas que desejam usar a língua de uma comunidade linguística diferente precisam aprender a usar as palavras de uma maneira culturalmente aceitável.(NIDA, 2006,p.1.)

Como podemos notar, Nida não vê a língua como um elemento isolado e do uso independente, mas como um elemento que está vinculado á cultura, e, o seu uso também precisa estar vinculado a uma dada comunidade/cultura. Ou seja, as palavras ganham significado quando inseridas dentro de um contexto cultural, sendo a cultura/comunidade que ressignifica as palavras. Tais teorias mais se aproximam de Lefevere (2002, p.2), que também compartilha a visão da inseparabilidade da cultura da língua. Lefevere (2002, p.14) afirma que "As traduções não são feitas no vácuo. Os tradutores atuam em uma dada cultura e em um dado tempo, deixando evidente que a língua não pode ser tratada fora da cultura, pois ela é um elemento cultural e só ganha um significado quando inserida na cultura.

Para ilustrar a relevância da cultura na língua e o papel que a cultura tem na ressignificação das palavras, traremos o exemplo de "run"⁶ que Nida também usou para ilustrar a dependência que a língua tem da cultura.

1. The man ran fast.
2. The bus runs between Madrid and Barcelona.
3. The line ran off the page.
4. His stocking is running.
5. The well ran dry.

⁶ Deslocar-se rapidamente, a uma velocidade maior do que a de marcha: Correr.

Como pode se ver nos exemplos dados, o verbo "run", às vezes flexionado para "ran"(passado simples do mesmo verbo), é ressignificado pela cultura, deixando o seu significado natural "correr" e ganhando outros sentidos dentro da comunidade de falantes da língua inglesa. Cada ocorrência de run nos exemplos dados assume um significado distinto: no primeiro, significa “correr”, enquanto nos demais assume outras acepções determinadas pelo contexto como ilustra a tabela que se segue.

Tabela 1 – Exemplos do verbo *run* e seus significados em português (NIDA, 2006, p.13).

	Frase em inglês	Tradução em português	Significado de <i>run</i>
1	The man <u>ran</u> fast	O homem <u>correu</u> rápido	correr (movimento rápido)
2	The bus <u>runs</u> between Madrid and Barcelona	O ônibus <u>faz o trajeto</u> entre Madrid e Barcelona	operar / circular (transporte)
3	The line <u>ran</u> off the page	A linha <u>se estendeu</u> para fora da página	estender-se (continuidade visual)
4	His stocking is <u>running</u>	A meia dele está <u>desfiando</u>	desfiar / rasgar
5	The well <u>ran</u> dry	O poço <u>secou</u>	secar / esgotar-se

Portanto, as palavras como elas são inseridas num dado contexto ganham um significado dependendo dessa cultura, ou seja: a comunidade/cultura ressignifica as palavras dentro do seu seio de vivência. Se a língua funciona inserida dentro de uma cultura, os tradutores também não devem ignorar a cultura, e é fundamental que "Os tradutores atuem em uma dada cultura e em um dado tempo" e se insiram nas culturas para o melhor desempenho (LEFEVERE, 2002, p.14). Essa inseparabilidade da língua com a cultura também é defendida por Bassnett e Trivedi (1991), onde afirma que:

A língua, então, é o coração dentro do corpo da cultura, e é da interação entre as duas que resulta a continuação da energia-vital. Assim, da mesma forma que o cirurgião, operando o coração, não pode negligenciar o corpo que o envolve, o tradutor que trata o texto em isolamento da cultura, está com seu texto em perigo (BASSNETT apud AGRA, 1991, p.14).

Em nossas análises investigamos como as quatro (4) perspectivas sobre a tradução propostas por Nida (1991) se apresentam nos produtos tradutórios dos sujeitos dessa pesquisa.

Nesta secção, discutimos as 4 abordagens propostas por Nida no seu artigo “teorias de tradução”. É fundamental entretanto lembrar que, Nida não apresentou as 4 perspectivas como divergentes, mas como congruentes e para demonstrar o quão amplo o campo de tradução é. Aliás, Nida (1991, p.20) afirma que: “Essas quatro grandes perspectivas sobre os problemas da comunicação interlinguística não devem, entretanto, ser consideradas competitivas ou antagônicas, mas sim complementares e suplementares.

Elas não se invalidam mutuamente, mas resultam em uma compreensão mais ampla da natureza da tradução.”

As 4 perspectivas do Nida subdividem a tradução em: filológica, linguística, comunicativa e sociosemiótica. A perspectiva filológica é aquela que o foco é a fidelidade de texto original, não se importando em readaptar o texto para o leitor atual. Ou seja: a perspectiva filológica leva o leitor ao texto, e não o contrário. “A perspectiva filológica na tradução concentrava-se na questão da ‘fidelidade’, geralmente estreitamente ligada à história da interpretação do texto, algo que foi especialmente crucial no caso das traduções bíblicas.” (NIDA, 1991, p. 21-22). A perspectiva linguística aborda que é fundamental focar na pragmática. “Esse foco nos processos é muito produtivo, mas é necessário dar maior atenção aos aspectos pragmáticos da mensagem original e às circunstâncias relacionadas ao uso da tradução.” (NIDA, 1991, p. 24). Nessa perspectiva, as adaptações culturais, as adequações, são feitas na língua de chegada. Diferentemente da perspectiva filológica, cujo o foco é no texto de partida, ou seja, que o público alvo é levado para o texto original, o público alvo é que se adapta à realidade de texto original. Na perspectiva linguística o texto é trazido até o alvo; ou seja: o texto original é adaptado à realidade de contexto da língua (cultura) de chegada.

A Perspectiva comunicativa, além das adaptações propostas pela perspectiva linguística, essa abordagem considera os elementos mais amplos do processo comunicativo, como entonação, gestos, estilo, formato e aspectos materiais do texto. O foco não é apenas o conteúdo escrito, mas todo o conjunto de fatores que compõem a comunicação. A ideia central é que traduzir não significa apenas transferir palavras de uma língua para outra, mas reconstruir o processo comunicativo para que o público de chegada receba a mensagem com impacto semelhante ao do público original (NIDA, 1991, p.26). A perspectiva sociosemiótica vai além dos aspectos da comunicação que foram mencionados na perspectiva comunicativa. Ele envolve também códigos extralinguísticos, tais como a sinceridade do falante, a segurança a intenção, etc. Ou seja os aspectos que podem ser lidos na comunicação de um indivíduo. O nervosismo, a ansiedade, o medo, expressão facial, o tom da voz, etc (NIDA, 1991).

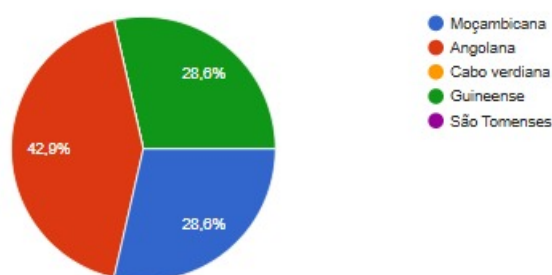
Essas perspectivas e todas as teorias aqui apresentadas serão consideradas como base para analisar de qual perspectiva os estudantes africanos da UNILAB se apropriam para traduzir.

2 Metodologia da Pesquisa

2.1 Sujeitos Pesquisa

Foi elaborado um questionário eletrônico contendo as questões de pesquisa e em seguida, foram sensibilizados a participar os alunos que preenchessem os seguintes critérios: a) Ser estudante africano e que fale uma das variantes do português de um dos países de África (português Moçambicano; português angolano; são tomense; guineense e cabo verdiano); b) Ter domínio da língua inglesa em nível intermediário ou avançado, ainda que não comprovado. Preenchidos os critérios, os alunos participantes foram colocados em sala de informática da UNILAB e posteriormente mandados o link do formulário. Os participantes não só foram permitidos o uso de material de consulta ao seu critério, mas também incentivados. Considerando também que os “tradutores” são novatos, não lhes foi estipulado o tempo do término, garantindo que não se sentissem pressionados. Porém, para garantir a autonomia e a autenticidade das traduções, foram interditas entre os participantes a comunicação e consequentemente as consultas mútuas entre eles durante o processo. A figura que se segue faz uma demonstração visual da percentagem da participação dos estudantes por cada nacionalidade.

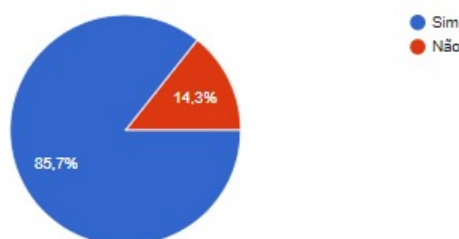
Figura 1 – Nacionalidade dos participantes



Participaram da pesquisa 14 estudantes equivalentes a 100% da nossa pesquisa, dos quais 42,8% são guineenses; 28,6% Moçambicanos e Angolanos respectivamente. Para os demais países africanos falantes do português não tivemos nenhum participante.

Considerando que um dos critérios da participação da pesquisa era ser falante do inglês a nível intermediário e ou avançado, não foi aplicado um teste formal de nivelamento. Os participantes apenas informaram o próprio nível de proficiência conforme sua autoavaliação. Também foram questionados se já fizeram ou estão fazendo a disciplina de introdução aos estudos de tradução ou práticas de tradução, no qual 85,7% responderam “sim” fizeram ou estão fazendo e 14,3% responderam não estar a fazer ou ter feito como ilustra a Figura 02.

Figura 2 – Conhecimentos anteriores sobre Estudos da Tradução



2.2 Coleta de Dados

Para a elaboração das frases utilizadas na pesquisa, solicitou-se à inteligência artificial ChatGPT a criação de 40 (quarenta) sentenças contendo referências culturais britânicas e americanas. Após a geração inicial, todas as frases foram analisadas, selecionadas e ajustadas de modo a garantir sua pertinência ao objetivo do estudo e a adequação às instruções metodológicas.

A seguir, ilustramos algumas frases com exemplos e as respectivas traduções esperadas: "*Summer means barbecue ribs in the backyard.*" em que se esperam as traduções como "*Summer*" por "Verão" e "*barbecue ribs*" por alguma representação local, por exemplo, para o contexto Moçambicano, "uma 2M⁷ bem gelada"; "*She speaks fluently as if she studied at Oxford University*", que poderia ser traduzido para alguma referência local de excelência como a "UEM"⁸.

Essas adaptações culturais esperadas e ilustradas acima não são um mero acaso, fundamentam-se a partir da visão de que um texto deve estar inserido a um dado contexto e a uma dada cultura. Os textos não podem ser vãos, como afirma Hutcheon (2006) “Uma adaptação, assim como a obra que ela adapta, está sempre enquadrada em um contexto, um tempo e um lugar, uma sociedade e uma cultura; ela não existe no vácuo” (p.142. tradução nossa).⁹ Portanto, se o texto traduzido não contém as referências de percepção do povo que o lê, esse texto revela-se vazio e sem sentido algum para esse mesmo povo. As adaptações não ocorrem apenas de uma cultura para outra ou de uma sociedade para outra, elas ocorrem também em nível diacrônico, isto é, ao longo do tempo, refletindo as transformações culturais de cada época. Hutcheon (2006), afirma que as diferentes versões cinematográficas de *Romeo and Juliet* evidenciam esse fenômeno (das adaptações culturais e ou geracionais): em 1968, Franco Zeffirelli buscou atender às expectativas de um público

⁷ Nome de cerveja muito popular em Moçambique

⁸ Universidade Eduardo Mondlane

⁹ An adaptation, like the work it adapts, is always framed in the context time and a place, a society and culture; it does not exist in a vacuum.

mais tradicional, ao passo que, em 1996, Baz Luhrmann recontextualizou a mesma peça para um público jovem acostumado à linguagem dinâmica da MTV e dos filmes de ação de Hollywood. Nesse sentido, o contexto de recepção determinou as mudanças de cenário e estilo, mostrando que as culturas mudam com o tempo e que, em nome da relevância, os adaptadores buscam reconfigurar e recontextualizar suas obras, o que também constitui uma forma de transculturação (p.146). Vejamos o seguinte exemplo: *"Se até o meio-dia não responderem o telex, pega o coche e vá até lá. Dado que a viagem é longa, leva o cassete para se entreter no percurso"* (adaptado). Esse texto apesar de estar escrito em Língua Portuguesa, devido a sua falta de adequações para a modernidade, o texto é sem vida e vazio para a geração atual, como afirma Hutcheon, ele existe no vácuo, precisando da contextualização cultural ou geracional para o seu sentido. Para tal, ele é ajustado a termos como: *"Se até o meio dia não responderem o e-meil, leva o carro ou pega o Uber¹⁰ e vá ate lá, põe os dados no celular para se divertir com Spotify durante a caminhada"*. Ou outras adequações que dêem a vida ao texto para a geração atual tais como Instagram, WhatsApp para telex; Uber ou outro para coche, e TikTok ou youTube ou outros streamings para cassete. (telex¹¹; coche¹²; cassete¹³)

Portanto, as adequações levam o texto para o leitor, respeitando a cultura de chegada, não só, mas também dando a vida ao próprio texto dentro da nova cultura em que está inserida. Ou por outra, as adaptações propostas não só se alinham á perspectiva Linguística proposta por Nida e as adaptações referidas por Hutcheon mas também se ajustam á exigência do formulário. Entende-se que usar os termos como "churrasco no quintal" não reflete a cultura de Moçambique uma vez que o churrasco não é característico daquele povo. Ou na visão de Hutcheon, o texto é vazio, sem significado nenhum para o povo Moçambicano. Ademais, manter o "Oxfordy University" exige ao leitor que tenha um conhecimento da universidade em Inglaterra, o que poderia ser substituído por algo do domínio público Moçambicano como "Universidade Eduardo Mondlane" ou qualquer em um dos países dependendo da origem do tradutor. Essas adequações não exigem um conhecimento extra pra além da cultura do leitor.

Do total produzido, foram selecionadas 20 (vinte) sentenças, sendo 10 (dez) com referências culturais britânicas e 10 (dez) com referências culturais americanas. As referências abrangeram diversas áreas do conhecimento e da vida cotidiana, incluindo culinária, futebol, pontos turísticos e personagens lendárias ou históricas, permitindo uma

¹⁰ Plataforma digital que conecta passageiros a motoristas parceiros para transporte urbano. Carro de aplicativo

¹¹ Sistema de comunicação eletrônica usado entre as décadas de 1930 e 1980 para envio e recebimento de mensagens escritas por meio de linhas telefônicas; antecedeu o fax e o e-mail.

¹² Tipo de carruagem de quatro rodas, geralmente puxada por cavalos, utilizada como meio de transporte antes da popularização dos automóveis.

¹³ Pequena caixa plástica que contém uma fita magnética usada para gravação e reprodução de áudio

abordagem ampla sobre a influência de aspectos culturais no processo tradutório.

3 Resultados e Discussão

O formulário apresentado aos participantes continha a seguinte instrução: “Traduza os trechos considerando como o texto pode ser mais bem compreendido dentro de sua cultura, comunidade ou zona de origem. As adaptações culturais não apenas são permitidas, como também encorajadas. No entanto, utilize seus conhecimentos e faça a tradução.”

As instruções foram reforçadas verbalmente na sala para garantir que todos percebessem da mesma forma. Para fins de análise, foram estabelecidas as seguintes cores para ajudar na análise de dados: a) vermelho, classificado como desvio, ou seja, não apresenta nenhuma adequação à realidade de origem segundo as instruções dadas; b) amarela, que simboliza parcialmente adequado, ou seja, as traduções não foram adequadas à cultura africana mas também não fugiram de longe; e c) verde, que é aquele cuja a adequação foi feita, e que o tradutor levou o texto ou a sentença à realidade do contexto da língua de chegada dependendo da origem do participante.

Figura 3 – Processo de análise sentença.

1. *Tourists often gather outside Buckingham Palace to see **the Royal Family***

Frequentemente os turistas se reúnem na parte exterior da Ponta Vermelha para ver a família presidencial

Os turistas costumam juntar-se em frente a praça dos heróis para ver os antigos combatentes

Turistas sempre se juntam fora do Palácio Buckingham para ver a Família Real.

Muitas vezes os turistas se reúnem fora de Buckingham para ver a família Royal.

Os turistas frequentemente se reúnem em frente ao Palácio de Buckingham para ver a Família Real.

O povo costumam se reunir por fora do palácio para ver o presidente

Os turistas se reúnem muitas vezes nos arredores do Palácio de Buckingham para verem a família real.

Os turistas costumam se reunir do lado de fora do Palácio de Buckingham para ver a Família Real

Na figura 3 é apresentada a análise da questão “*Tourists often gather outside Buckingham Palace to see the Royal Family*”. Nesta análise é predominante traduções feitas com o termo “*Palácio Buckingham para ver a Família Real.*”“ Essa tradução não reflete as instruções dadas no formulário, que visava uma tradução com maior percepção na zona

de origem. Portanto, nota-se que, ao manter o termo “*palácio Buckingham*” pode criar dificuldade de percepção aos leitores africanos que não têm conhecimento desse lugar na Inglaterra. Do mesmo jeito, devido à escassez de países com sistema de monarquia na África, entendemos que, o tradutor ao usar o termo “*família Real*” não estaria optando por adequação cultural da sua origem, uma vez que os membros participantes não são oriundos de monarcas e os países com esse sistema naquele continente são escassos. Portanto, para que o leitor entenda o termo “família real” precisa ter um background que vai além da sua cultura/ país de origem.

O cenário supra descrito, é válido para a questão 15; 16; 17 e 18; porém, especial atenção vai para a questão 17 cujo termo “*White house*” refere-se à casa presidencial dos Estados Unidos, e, portanto, as adequações a países de origem poderiam ser “ponta vermelha” casa presidencial de Moçambique; “palácio do povo” para Cabo Verde e São Tomé; “palácio presidencial” para Angola e Guiné-Bissau respectivamente. O uso de “casa branca” recorrentemente usado pelos participantes, não reflete adequação cultural dos países africanos falantes do português uma vez que para que o leitor compreenda que casa branca se refere a casa do presidente, está condicionado que tenha conhecimento da cultura de origem do enunciado. Aliás, “casa branca” não tem qualquer significado para as culturas dos países africanos se não apenas talvez um edifício qualquer pintado a branca.

Nas sentenças 8 (oito) e 11 (onze) é observada a inexistência das categorias vermelha e amarela, o que nos remete a percepção de que as expressões idiomáticas não são percebidas de forma literal. Elas são interpretadas segundo a mensagem que elas desejam transmitir. i.e., As adequações encontradas na tradução de “*isn’t really my cup of tea.*” que foram: I- “*nao é a minha preferência.*”; II- “*não é muito a minha praia.*” III- “*não é o meu estilo.*” Ou até mesmo o uso de IV- “*não gosto*”, escolha feita por um dos tradutores, demonstram que os tradutores priorizaram o sentido comunicativo e naturalidade da expressão na língua de chegada, em detrimento da forma literal do original. Essa escolha reflete a perspectiva linguística proposta por Nida (2006), segundo a qual a tradução deve buscar equivalência dinâmica, ou seja, reproduzir o mesmo efeito e compreensão no leitor do texto traduzido que o texto original produz em seu público de origem. A figura 04 ilustra algumas traduções pelos quais os tradutores pautaram nelas.

Relativamente a personagens lendárias e ou mais antigas, nota-se um grau de dificuldade de adequação, a exemplo da frase “*Children love the legend of Robin Hood.*” Onde existe uma predominância da não adequação a referências locais, conservando-se a estrutura linguística como reforça Catford (1978). A imagem de Robin Hood está fortemente associada ao imaginário europeu, o que pode gerar dificuldades de compreensão ao manter o termo em contextos africanos. Em outras palavras, para que o leitor compreenda plenamente a referência a Robin Hood, seria necessário possuir conhecimentos prévios

Figura 4 – Processo de análise sentença à sentença

Opera isn't really my cup of tea.

Ópera não é bem a minha praia

A música Opera não faz meu estilo.

Opera nao e a minha preferencia.

Opera, não é bem o meu forte

Ópera não é exatamente o meu tipo de entretenimento.

Opera não é realmente minha praia.

Ópera não é muito a minha praia.

Opera não é minha praia

Opera não é o meu estilo.

das lendas europeias. Assim, verifica-se que, nesse caso, é o leitor que precisa se adaptar ao texto, e não o texto que se ajusta à cultura de origem, contrariando o objetivo de adequação cultural solicitado nas instruções. Por outro lado, observa-se a existência de uma tentativa de adaptação cultural na tradução “*As crianças gostam da história de Eduardo Mondlane*”. Essa escolha demonstra que as instruções foram bem compreendidas, pois o tradutor substituiu a referência estrangeira por uma figura historicamente significativa e culturalmente próxima do público-alvo (Moçambique), adequando-se desse modo às instruções dadas no formulário e promovendo a cultura local. A figura 05 ilustra:

Figura 5 – Processo de análise sentença à sentença

Children love the legend of Robin Hood.

As crianças adoram a lenda de Robin Hood.

As crianças adoram os contos de Robin Good.

As crianças gostam da história de Eduardo Mondlane

As crianças adoram a legenda de Robin Hood.

As crianças amam a lenda do Robin Hood

As crianças amam o evento de Robin Hood.

As crianças amam o lendário Robin Hood.

Para efeitos de análise de dados, foi elaborada uma tabela contendo as 20 sentenças analisadas, das quais 10 apresentam referências culturais britânicas e 10, referências culturais americanas. Observou-se, de modo geral, uma predominância significativa da cor vermelha, o que indica um alto índice de aculturação ou de forte influência internacional

nas traduções realizadas pelos participantes. Uma amostra da tabela pode ser vista abaixo. tabela inteira nos anexos.

Figura 6 – Amostra da tabela de análise

No	Sentença					Origem.
1	At Thanksgiving, we always bake pumpkin pie .	09	01	01	-	América
2	Tourists often gather outside Buckingham Palace to see the Royal Family	10	01	02	-	Reino Unido
3	I didn't realise she was joking—such dry humour !	07	03	04	-	Reino Unido
4	Opera isn't really my cup of tea .	-	-	13	-	Reino Unido
5	The President addressed the nation from the White House .	08	-	04	-	América
6	The President addressed the nation from the White House .	08	-	04	1	América

Esse resultado demonstra que, com exceção das sentenças 8 (“Opera isn’t really my cup of tea”) e 11 (“Football fans sang loud chants throughout the match”), nas quais não houve ocorrência das cores vermelha nem amarela, os tradutores tendem a ignorar a cultura de chegada, sem aplicar as adequações culturais defendidas por grandes teóricos da tradução dos quais destacamos Venuti (2021), afirmando que “uma tradução recontextualiza o texto-fonte na língua e na cultura de chegada, aplicando um conjunto de interpretantes formais e temáticos para tornar explícita uma interpretação” (p. 4). Essa recontextualização referida por Venuti, é consideravelmente escassa na tabela, onde nas sentenças 6,9,15 e 16 apenas é notável (1) uma recontextualização/ adequação; 2 e 7 apenas duas; e 3(tres) nas sentenças 1,12,18,19 e 20.

Ou por outra, auxiliando-nos da metáfora de Bassnett e Trivedi (1991) apud Agra (2007, p.3), que compara tradução com cirurgia, corpo com a cultura e língua com coração, onde nada deve ser ignorado para que a cirurgia seja bem sucedida. Os números supra indicados demonstram uma ignorância com as referências culturais da língua de chegada, o que torna tradução não tão bem sucedida dado que os leitores precisam se deslocar até a cultura de texto de partida para a sua compreensão . Ou então, o texto será vazio para essa comunidade, cultura ou geração (HUTCHEON, 2006). Outros , teóricos como Nida (2006) e J. C. Catford também discutem a relevância das adequações culturais no processo tradutório.

Por outro lado, as análises de dados também revelaram um cenário inesperado, classificado na cor cinza, em que os participantes ignoraram a cultura de chegada e também não realizaram uma tradução literal, optando por manter termos da língua de origem. Um exemplo disso é a tradução da sentença “*I ordered spicy Buffalo wings at the bar.*” traduzido

para “*pedi um spicy de buffalo wing no bar*”. Embora essa tradução possa ser associada à perspectiva filológica de Nida (2006), (aquele que é centrada no texto de origem), a tradução se distancia não apenas das instruções dadas, mas também do sentido global da mensagem. Em outras palavras, a tradução cria uma nova percepção que, apesar de preservar elementos da cultura de origem, a mensagem a ser transmitida é de percepção deturpada até para os leitores com background cultural alto do texto de origem.

Diante disso, entende-se que a predominância da prevalência de cultura de origem, ou seja, de aculturação nas traduções analisadas indica a necessidade de maior ênfase teórica em disciplinas como Introdução aos Estudos da Tradução e de reforço prático nas atividades de Práticas de Tradução, considerando que, nesta pesquisa, 85% dos participantes declararam ter cursado ou estar cursando uma dessas disciplinas. Outrossim, entendemos que as políticas linguísticas que valorizam as culturas de origem dos participantes e respectivas referências devem ser enfatizados nos países de origem de modo que os cidadãos se façam ao mundo fora com orgulho das suas identidades, prevalecendo as suas referências culturais em casos de choque.

Considerações finais

O presente estudo, intitulado *A integração entre referências culturais da Língua Inglesa e Africanas no processo de tradução*, teve como objetivo identificar o nível de integração cultural das referências culturais da Língua Inglesa para as culturas e rotinas africanas. Para isso, foram aplicadas entrevistas e formulários, permitindo uma análise detalhada da visão cultural dos estudantes envolvidos no processo de tradução.

Os estudos indicam que há necessidade de se valorizar a cultura nativa dos tradutores focando no público-alvo de acordo com os princípios teóricos expressos por Nida (1991) e Lefevere (2002) que prezam pelo reforço identitário da mensagem traduzida e também as adaptações que também são abordadas por Hutcheon (2006). Acreditamos que é possível aprofundar esses conhecimentos nas disciplinas tanto de Introdução aos Estudos de Tradução assim como Práticas de Tradução, ministrados no curso de graduação em Letras - Língua Inglesa da UNILAB, de modo a munir os estudantes de conhecimentos teóricos e práticos que valorizem a sua cultura durante as suas nobres missões.

Os resultados indicam que os estudantes, em sua maioria, tendem a manter as referências culturais da língua de partida, ou seja, do inglês, podendo apresentar um processo de aculturação, ignorando as referências culturais africanas. Esse comportamento sugere que há uma preferência por reproduzir o texto original de forma mais literal, o que pode limitar a efetividade comunicativa e reduzir a valorização das culturas de chegada. A

valorização das referências culturais locais ou regionais em situações de convivência com as outras referências culturais não é impossível, precisando apenas de políticas que prezam por essa valorização. Alguns países como Portugal, já servem de exemplo uma vez que, para alguns casos demonstram resistência das referências culturais para o contexto deles. Por exemplo, o dispositivo do computador globalmente conhecido como "*mouse*", eles mostram a não influência da cultura alheia, pautando pelo termo "rato" que é uma referência para eles. Para alguns nomes da família real Britânica, também notamos a predominância das referências culturais de Portugal e sua respectiva língua, Portuguesa, traduzindo nomes próprios dos príncipes como Charles para Carlos; William para Guilherme; Harry para Henrique; Anne para Ana e Andrew para André.

Este estudo apresentou algumas limitações. Observou-se um número reduzido e pouco expressivo de adaptações culturais nas traduções analisadas, o que indica uma fraca aplicação de estratégias voltadas à adequação cultural. Ainda assim, foram notáveis algumas adequações pontuais. Entretanto, entre essas poucas adaptações identificadas, não foram investigadas quais estratégias tradutórias foram empregadas para essas adequações, o que abre espaço para estudos futuros nessa direção. Outro fator limitante refere-se ao perfil dos participantes: O estudo foi realizado apenas com estudantes que não são formandos em Tradução. Embora Nida (2006) afirma que tradução não precisa de estudos especializados, acreditamos que poderia por um lado ser um diferencial. Também achamos que, apesar do curso de Letras Língua Inglesa incluir disciplinas relacionadas à tradução, (Introdução aos estudos de tradução e práticas de tradução), os conhecimentos adquiridos podem não ser suficientemente aprofundados para uma prática tradutória consistente. Por fim, o número reduzido de participantes também representou uma limitação. Esperamos que as próximas pesquisas sobre a mesma área contem com um número maior de participantes para um alcance de resultados mais expressivos.

Referências

- AGRA, K. L. de O. A integração da língua e da cultura no processo de tradução. *Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação*, 2007. Citado na página 16.
- BASSNETT, S.; TRIVEDI, H. *Translation Studies*. [S.l.]: Routledge, 1991. Citado 2 vezes nas páginas 8 e 16.
- CATFORD, J. C. *A linguistic theory of translation*. Oxford University Press, 1978. Citado 4 vezes nas páginas 3, 4, 6 e 14.
- HUTCHEON, L. *A theory of adaptation*. [S.l.]: Routledge, 2006. Citado 3 vezes nas páginas 11, 16 e 17.
- KRZESZOWSKI, T. P. The problem of equivalence revisited. *IRAL: International Review of Applied Linguistics in Language Teaching*, J. Groos Verlag., v. 19, n. 2, p. 113, 1981. Citado na página 3.
- LEFEVERE, A. *Translation/history/culture: A sourcebook*. [S.l.]: Routledge, 2002. Citado 3 vezes nas páginas 7, 8 e 17.
- NIDA, E. A. Theories of translation. *TTR: traduction, terminologie, rédaction*, Citeseer, v. 4, n. 1, p. 19–32, 1991. Citado 3 vezes nas páginas 8, 9 e 17.
- NIDA, E. A. Theories of translation. *Pliego de Yuste*, Fundacion Academica Europias de Yuste, v. 4, n. 1, p. 11–14, 2006. Citado 6 vezes nas páginas 7, 8, 14, 16, 17 e 18.
- RODRIGUES, C. C. *Tradução e diferença*. [S.l.]: UNESP, 2000. Citado na página 3.
- VENUTI, L. *A invisibilidade do tradutor: uma história da tradução*. [S.l.]: Editora Unesp, 2021. Citado na página 16.

ANEXO A – Tabela de Análise das sentenças

No	Sentença					Origem.
1	Every Sunday, the family gathers for a Sunday roast with gravy	10	01	03	-	Reino Unido
2	Tourists often gather outside Buckingham Palace to see the Royal Family	10	01	02	-	Reino Unido
3	I trust what she says, she is reliable like BBC	07	-	05	-	Reino Unido
4	Free healthcare is guaranteed by the NHS	06	-	06	-	Reino Unido
5	I didn't realise she was joking—such dry humour !	07	03	04	-	Reino Unido
6	He apologised sarcastically, in that typical British politeness style.	11	01	01	-	Reino Unido
7	The magazine Private Eye often mocks politicians	08	01	02	-	Reino Unido
8	Opera isn't really my cup of tea .	-	-	13	-	Reino Unido.
9	Children love the legend of Robin Hood .	09	-	01	-	Reino Unido
10	We met friends at the local pub for a pint.	05	02	05	-	Reino Unido
11	Football fans sang loud chants throughout the match	-	-	12	-	Reino Unido
12	They say nothing is more American than apple pie	08	-	03	-	America.
13	"I ordered spicy Buffalo wings at the bar.	04	-	08	01	America.
14	Summer means barbecue ribs in the backyard.	07	01	05	-	America.
15	At Thanksgiving, we always bake pumpkin pie .	09	01	01	-	America.
16	In Boston, you must try clam chowder .	08	02	01	-	America.
17	"The President addressed the nation from the White House	08	-	04	01	America.
18	We grabbed a hot dog at the baseball game.	09	-	03	-	America.
19	The FBI opened an investigation.	05	-	03	-	America.
20	She speaks fluently as if she studied at oxford university	09	-	03	-	Reino Unido